

# Chissano pediu em Londres prorrogação da presença militar britânica

Sec. Jb

28/2/94 p.15

O presidente Joaquim Chissano pediu a Londres a prorrogação da presença em Moçambique dos instrutores britânicos que supervisionarão o treino dos batalhões de Infantaria do novo Exército, a iniciar a 21 de Março.

O coronel John Wyatt, adido militar do Reino Unido em Moçambique, indicou que se o pedido — até agora sem resposta — não for satisfeito a equipa de 12 instrutores britânicos, que chegou no princípio de Fevereiro, abandonará Maputo a 31 de Março próximo.

De acordo com o projecto de Londres de treino dos 15 mil homens que constituirão os primeiros batalhões de Infantaria do novo Exército Unificado, a equipa militar britânica acompanharia apenas a instrução

dos primeiros três batalhões.

O treino será ministrado pelos 540 instrutores formados pelos britânicos e zimbabueanos no chamado «Border Camp» de Nyanga (Zimbabué), entre Agosto e Dezembro do ano passado.

Mas observadores locais fazem notar que sem acompanhamento britânico, o processo de formação da nova Infantaria moçambicana corre sérios riscos de entrar em colapso, dada a fraca experiência dos instrutores formados em Nyanga.

A preocupação britânica ficou patente numa entrevista ao «Notícias» do embaixador da Grã-Bretanha em Moçambique, Richard Edys, que se queixou da «confusão e falta de colabo-

ração do Governo e da Renamo».

A instrução, a ser efectuada nos centros de Boane e Manhiça (Provincia do Maputo) e Dondo (Provincia de Sofala) deveria ter começado no princípio de Janeiro último.

Nova data foi depois marcada para a penúltima segunda-feira, mas tanto o Governo como a Renamo foram incapazes de fornecer até agora a lista dos primeiros 5.000 homens a serem treinados para os batalhões de Infantaria.

«Estamos a gastar dinheiro com a equipa, que começa a ficar frustrada», indicou ainda o embaixador.

O coronel Wyatt afirmou que, além de não haver selecção dos instruendos, vários problemas ditam que

só para a 21 de Março esteja previsto o arranque da instrução.

O primeiro diz respeito à reiterada recusa da Renamo em aceitar Boane como centro de instrução, uma vez que aí estão também acantonados militares do Governo.

Os outros prendem-se com o facto de não terem terminado as obras de recuperação dos centros de instrução e com a «enorme quantidade de equipamento» necessária para os centros, incluindo os uniformes para os soldados.

Wyatt indicou que os uniformes e camas destinados aos centros deverão chegar a 15 de Março, transportados por barco de Portugal, onde foram confeccionados pelas Oficinas Gerais de Fardamentos do Exército.